

DESCOBERTA DE DESTINO, CASTRAÇÃO E MORTE NA MÁQUINA CIBERNÉTICA

*Fabiola Menezes de Araújo**

RESUMO:

Lacan faz referência a uma dinâmica cara à filosofia ao propor a tese do inconsciente estruturado como linguagem: a noção de dialética. A dialética proposta pelo psicanalista, no entanto, se distingue da dialética concebida no âmbito da filosofia. A dialética lacaniana se realiza enquanto jogo de significantes que se alternam e se enlaçam a partir da possibilidade conjugar tanto os planos do Simbólico quanto do Real e do Imaginário. Uma das maneiras pelas quais o psicanalista expõe a realização da dialética em questão é junto à exposição do mecanismo em jogo na máquina cibernética. Seguindo a lógica exposta através dessa metáfora, ao se afastar a morte, ela retorna, já na modalidade de sintoma. É preciso dar lugar à fala para que o sintoma possa ser transformado em palavra, de modo que a morte seja inserida no vir a ser do sujeito e passe a se realizar como destinação.

PALAVRAS-CHAVE: Máquina cibernética. Muro da linguagem. Destino.

* **Fabiola Menezes de Araújo** Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Possui graduação em Filosofia pela UERJ (2005) e mestrado em Filosofia pela mesma Universidade (2007). Foi professora de filosofia do Estado e do Colégio Pedro II. Apoio institucional: CNPQ; agradecimento: ao Prof. Joel Birman; trabalho originado de pesquisa de tese.

Para encaminhar de maneira adequada a reflexão sobre a questão da configuração de destino e de morte enquanto engendramento de linguagem em Lacan, faz-se necessário retornar a uma das principais referências filosóficas do psicanalista francês – Martin Heidegger, e ao lugar em que a questão da máquina cibernética é mais detidamente analisada, a saber, no *Seminário II*. Isto a fim de identificar aquilo que no interior da elaboração lacaniana a respeito da máquina cibernética é essencial no acontecimento de linguagem.

Ser na verdade

O pensador Martin Heidegger levanta, em *Ser e tempo*, uma séria crítica à noção de símbolo: essa noção deveria ser reelaborada. Em nota, ele afirma ter chegado a conversar com E. Cassirer (1923) por ocasião da publicação de *Filosofia das Formas Simbólicas* para entrarem em um acordo “quanto à exigência de uma analítica existencial” (HEIDEGGER, 1927, p. 88) em que fosse repensada a distância que separa a noção de símbolo da existência fática do ser-aí. Uma vez que nessa existência não se descortinam símbolos, mas sim experiências que são “na verdade” ou na “não verdade” (p. 290), a noção de símbolo deveria dar lugar a uma analítica em que o caráter de ‘já jogado do ser-aí’ recebesse destaque.

Os símbolos ou ‘as ordenações simbólicas’ de que nos fala Lacan, por sua vez, só se fazem pertinentes quando é a existência mesma colocada em primeiro plano. No movimento intitulado de “retorno a Freud”, o psicanalista francês retoma, sobretudo, as observações de como nos seres em situação analítica se revelam experiências que podem ser resumidas, em linhas gerais, como experiências angustiantes e experiências de evitação da angústia. Sob o modo de ‘formações do inconsciente’ essas experiências se dão a ver através de símbolos – os sonhos, os atos falhos e os chistes, mas sobretudo no modo como o ‘ser-aí’ se posiciona nas cadeias significantes onde passa a ser. Esses símbolos guardam o poder de revelar a angústia que de outro modo pode ficar calada.

Em outras palavras, na concepção lacaniana de ‘formações do inconsciente’ a crítica do filósofo não se mantém: na experiência analítica os símbolos revelados sob o modo de formações do inconsciente não são trazidos como entidades localizadas “fora” da experiência fática, mas, ao contrário, são símbolos nascidos na experiência mesma junto à

qual o falante se situa. A verdade, sob essa ótica, é passível de revelar-se tanto junto à evitação do recalcado, a evitação do que causa angústia, quanto junto a um reconhecimento do real. No primeiro caso, contudo, a verdade permanece no âmbito de um evitamento do que se manifesta, isto é, um afastamento da própria manifestação do ser, se mantendo nos limites da mera inscrição em ordenações simbólicas. ‘Ser na verdade’, por sua vez, é ser orientado para um encontro com o que insiste em repetir-se de modo que se possa levar em conta o desvelamento do desejo, isto é, o desvelamento do ‘ser-aí da sexualidade’.

Para responder à pergunta acerca de como Lacan chega à concepção dessa entidade singular – o *Dasein* da sexualidade – e de que modo essa entidade se diferencia do *Dasein* cujas determinações *Ser e tempo* é responsável por explicitar, é preciso estudar suas bases, elaboradas ao longo da década de 1950, que se apresentam a partir das seguintes questões: da organização simbólica, do muro da linguagem e da lógica da máquina cibernética em contrapondo ao traçado do destino.

A questão das diferenças de organização simbólica

Lacan organiza sua clínica com base em três diferentes modalidades de realização simbólica: a histérica, a neurótica e a psicótica. Para situar as organizações histérica e neurótica e o modo como “é preciso responder ao sujeito em análise”, cito:

Para saber como responder ao sujeito na análise, o método é reconhecer primeiro o lugar onde está seu *Ego*, esse *Ego* que o próprio Freud definiu como *Ego* formado de um *nucleus* verbal, em outras palavras, saber por quem e para quem o sujeito faz a *sua* pergunta. Enquanto não se souber isso, correr-se-á o risco do contrassenso sobre o desejo que aí está para reconhecer e sobre o objeto *a* quem se dirige esse desejo. O histérico cativa esse objeto numa intriga refinada e seu *Ego* está no terceiro por meio de quem o sujeito goza desse objeto onde sua pergunta se encarna. O obsessivo (...) dirige sua homenagem ambígua em direção ao camarote onde ele próprio tem o seu lugar, aquele do mestre que não pode se ver. (...) Um se identifica ao espetáculo, e o outro deixa ver. Para o primeiro sujeito, devem fazê-lo reconhecer onde se situa sua ação, para quem o termo de *acting out* toma seu sentido literal visto que age fora de si próprio. Para o outro, os senhores devem se fazer reconhecer no espectador, invisível da cena, a quem o une a mediação da morte. (LACAN, 1966, p. 168).

A partir da definição de “Ego formado de um núcleo verbal”, Lacan situa as realizações simbólicas como tendo seu *modus operandi* na linguagem. É por meio da linguagem que “o histérico cativa” o objeto de seu desejo “numa intriga refinada”, enquanto o

obsessivo “dirige sua homenagem ambígua em direção ao camarote onde ele próprio tem o seu lugar”.

Em oposição ao histérico, o neurótico tem, de antemão, o seu ser assegurado e passa a direcionar suas realizações, “sua homenagem”, “ao camarote”, isto é, à possibilidade de ser reconhecido em razão dessas realizações. Já “o histérico” se joga em uma discursividade em que o seu “*Ego*” passa a aparecer, se fazendo notar no jogo discursivo que é capaz de manter e onde “sua pergunta”, acerca de quem se é, “se encarna”. Sem ter de antemão apreendido o seu ser, o histérico “goza” por meio do “objeto” a quem dirige o seu desejo e que lhe permite apreender-se, como “sujeito” que “goza”. Enquanto o histérico “se identifica ao espetáculo”, o neurótico “se deixa ver”. “Para o neurótico”, a intervenção analítica se orienta no sentido de que o psicanalista possa ser reconhecido como “espectador, invisível da cena, a quem o une a mediação da morte”, isto é, nesse caso, a intervenção analítica já se realiza no momento em que o neurótico dá a ver ao analista suas realizações, unindo-se a ele a partir de uma mediação da morte. Para o histérico, por sua vez, essa intervenção deve se realizar no sentido de “fazê-lo reconhecer onde se situa sua ação”, “visto que age fora de si próprio”.

O muro da linguagem

Será, por sua vez, uma reflexão acerca do “muro da linguagem” enquanto pré-condição de surgimento das realizações simbólicas referidas no tópico anterior que leva Lacan a considerar que elas “organizam-se” à proporção que o muro, como um “sistema”, também as organiza:

Nós nos endereçamos de fato aos O_1 , O_2 , que é aquilo que não conhecemos, verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos. Eles estão do outro lado do muro da linguagem, lá onde, em princípio, jamais os alcanço. São eles a que fundamentalmente viso cada vez que pronuncio uma fala verdadeira, mas sempre alcanço o', o'', por reflexão. [*Sobre o'*, Lacan coloca: *essa forma do outro tem a mais estreita relação com o seu eu, ela lhe pode ser superposta, 'ao eu', e nós a escrevemos o' – assunto ao qual nos detemos ao final do próximo capítulo*] Viso sempre os sujeitos verdadeiros, e tenho que me contentar com as sombras. O sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem. Se a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem é feita para remetermos de volta ao outro objetivado, ao outro com o qual podemos fazer tudo que quisermos, inclusive pensar que é um objeto, ou seja, que ele não sabe o que diz. (...) eu tal como entendemos, o outro, o semelhante, estes imaginários todos, são

objetos. [...] efetivamente por serem assim denominados num sistema organizado, que é o do muro da linguagem. (LACAN, 1978, p. 307).

Antes de tudo, é preciso distinguir que Lacan, na passagem supracitada, trava um diálogo crítico com outras vertentes da psicanálise para as quais é fundamental a consideração do objeto parcial tal como Freud propôs. O termo ‘objeto parcial’ no contexto freudiano qualifica alguns objetos destacáveis ou de uma fixação libidinal ou de um cuidado performado pelo Outro, sendo o seio materno o primeiro e o mais famoso exemplo desse “objeto” (FREUD, 1889, p. 434). Lacan toma uma posição de crítica frente a essas vertentes da psicanálise: para ele, o importante a ser assinalado é que independentemente do modo como venham a ser nomeados esses seres, “os objetos”, eles surgem circunscritos pelo muro da linguagem. Podemos até acreditar que nos endereçamos a “verdadeiros sujeitos”, mas “jamais os alcanço”, pois só alcançamos o ‘outro’ como ‘outro’ a partir do reflexo projetado no “muro da linguagem”. Se é “por reflexão” que “sempre alcanço o’, o’ ”, isso acontece porque tudo o que posso ver depende de uma perspectiva tornada ‘minha’ junto ao muro em questão. Tanto a perspectiva de cada ‘eu’ depende da posição que esse eu ocupa no muro, quanto o modo como essa posição apreende ‘o outro’ depende de como o muro circunscreva esse ‘outro’, como o’ ou o’”, conforme coloca a gramática lacaniana. Essa perspectiva, que nasce no momento em que me dirijo ao outro ser ou ainda a mim mesmo, deve considerar antes de mais nada o que o muro da linguagem circunscreve como ‘sendo’. É precisamente para acentuar a imprescindibilidade da linguagem na constituição dos seres e do modo *como* esses seres se situam que Lacan traz a noção de muro da linguagem. Esse muro é ainda destacado como um “sistema” onde o “ego” formado por um núcleo verbal se instala, passando a projetar-se em realizações imaginárias. A partir do *Seminário II*, esse sistema é comentado junto à noção de máquina cibernética.

A lógica da máquina cibernética

A reflexão lacaniana sobre o muro da linguagem enquanto máquina cibernética tem uma origem clara: o *logos*, que nos convida a, auscultando-o, dizer “tudo é um” (HERÁCLITO apud HEIDEGGER, 1951, p. 1). É oportuno lembrar que a Lacan, contudo, o *logos* heraclítico convida a dizer “todas as coisas são um” (vide tradução de LACAN, 1956, p. 1). O ‘um’ ao qual Lacan se devota a pensar é o muro da linguagem e se, para o psicanalista, não podemos dizer que ‘tudo é o muro’ é porque nesse muro apenas algumas partes nos

concernem – nosso destino – e isso a cada vez. O seguinte apontamento do Discurso de Roma, acerca da impregnação dos “símbolos” na vida do homem nos lança diretamente à questão de como a ordenação simbólica projeta os seres marcados por um “destino”:

Os símbolos envolvem, com efeito, a vida do homem, com uma rede tão total que conjugam antes que ele venha ao mundo àqueles que vão engendrará-lo ‘pelo osso e pela carne’, que trazem no seu nascimento com os dons dos astros, senão com os dons das fadas, o desenho de seu destino, que dão as palavras que o farão fiel ou renegado, a lei dos atos que o seguirão mesmo até onde ele não está ainda e para além de sua morte mesma, e que por eles seu fim encontra seu sentido no julgamento final onde o verbo absolve seu ser ou o condena – salvo ao atingir a realização subjetiva do ser-para-a-morte. (LACAN, 1996, p. 144).

Lacan postula os “símbolos” como nos envolvendo “com uma rede tão total” que nos lança a cada vez em uma destinação passível de nos ‘condenar’ ou de nos ‘absolver’, e isso segundo as possibilidades que o “verbo” manifesta. A citação aponta ainda que, “salvo ao atingir a realização subjetiva do ser-para-a-morte”, “o desenho” do “destino” se segue no sentido de encontrar o seu fim “no julgamento final”. Fica clara a intenção do psicanalista de salvaguardar a noção de ‘ser-para-a-morte’: “salvo ao atingir a realização do ser-para-a-morte”, isto é, salvo se nós mesmos formos capazes de configurar a ordenação simbólica na qual viemos a ser configurados, devemos todos nos subordinar ao modo como a ordenação simbólica nos configura, de antemão e aleatoriamente. Isto nos reporta à máquina cibernética no seguinte sentido: ao traçar como se realizam as linhas mestras do destino em que as experiências de reconhecimento da morte em sua presença enigmática não são afastadas se realiza uma oportunidade de abertura em que, tal qual o ser-para-a-morte heideggeriano, torna-se possível a recondução do ser em análise à possibilidade de assunção das ordenações simbólicas que determinam. Porém, à medida que se opera um não reconhecimento da presença da morte, dá-se uma obliteração das possibilidades de abertura para um destino singular e a máquina se mantém como produtora de configurações ‘estranhas’ ao vir a ser do sujeito.

O princípio lógico é o seguinte: ao passo que nos fundamentamos em experiências que se realizam com base na ‘inércia’ do eu, no ‘centramento’, nos fechamos para a experiência de desvelamento. Esses movimentos, de desvelamento e de velamento, Lacan compreende como pautados e passíveis de se articularem, como uma “rede”. A célula máter constitutiva dessa rede se estrutura a partir de uma lógica binária; no caso, em que se alternam desvelamento e velamento, abertura e fechamento, ou ainda, os movimentos de sístole e de diástole cardiovasculares, e em que uma porta “esteja aberta ou fechada”, permite ou não a

configuração de ‘circuitos significantes’. No nível mais amplo da estrutura da máquina o que é veiculado é ainda capaz de se autoengendrar a partir do modo como se alternam os referidos movimentos. À proporção que determinado significante serve como fio condutor ao advento de um circuito signifiante, este significante se coloca como um pilar de uma estrutura autônoma, parte da máquina. É ao se intercalar um significante a outro que se dá lugar ao advento de ordenações simbólicas, sendo que na maneira em que se instalam essas ordenações, elas passam a se alternar de modo que se cria uma estrutura orgânica que se mantém na permutação de seus elementos. No sistema nomeado de ‘máquina cibernética’, são perfeitas, pois, ordenações de caráter simbólico, surgidas a partir de uma estrutura lógica e de um movimento autônomo de seus elementos.

Máquina cibernética e destino

Precisemos melhor a questão acerca do modo como a máquina lacaniana realiza as linhas mestras do destino: assim como em uma máquina cibernética, independentemente do conteúdo das mensagens transmitidas, configuram-se circuitos que se perfazem ‘instantaneamente’. A não assunção da morte no cerne do vir-a-ser fecha os circuitos, posterga-se assim a incidência da morte que deverá advir ainda outras vezes, talvez sob o modo de sintomas. Já a plena articulação da morte no horizonte da existência abre circuitos, permite o traçado de um destino para o qual se abre, inclusive, a possibilidade ‘perfazer os próprios circuitos’. No âmbito da descrita autonomia da máquina cibernética, contudo, permanecemos distantes da experiência do ‘real traumático’ pelo qual o ser se manifesta. É preciso que seja providenciado um jogo capaz de abrir o circuito que, de outro modo, tende a permanecer na simples circunscrição alternada de seus elementos.

Na concepção de máquina lacaniana, é ainda a partir da lógica destacada, concebida como de alternância de aberturas e fechamentos de portas, que se organizam as realizações simbólicas. É importante colocar que a relação entre as portas pode ser expressa tanto em termos de relações *espaciais* quanto *temporais*. O aspecto *espacial* do mecanismo pode ser notado na perspectiva de que não é simplesmente o estado de uma porta que conta, mas a diferença entre um estado e outro. É essa diferença que serve de parâmetro para circunscrever-se um determinado modo através do qual o Ser vem a se manifestar.

Em cibernética, pois, não há termos plenos ou idênticos a si mesmos, há apenas diferenças entre pleno e vazio, fechamento e abertura, quando se realizam espaços, que podem se evidenciar tanto na fala quanto no espaço em que se constituem os universos simbólicos enquanto tais. Já o aspecto temporal reside na perspectiva de que não é suficiente para explicar a máquina cibernética que uma porta esteja aberta ou fechada: é preciso que ela esteja *antes* aberta e *depois* fechada. O processo de retroação proposto por Lacan nos permite expor uma concepção de linguagem em que são conjugadas apenas diferenças: “Uma vez que a porta se abre, ela se fecha. Quando ela se fecha, ela se abre. [...] Graças ao circuito cibernético e ao circuito de indução conectado sobre ele mesmo, isto que chamamos de *feed-back*, é suficiente que a porta se feche para que de pronto ela seja atraída como por um eletroímã para o estado de abertura e se dê novamente seu fechamento, e de novo sua abertura” (LACAN, 1954-55, p. 348).

O processo de *feed-back* (ou retroalimentação) se situa no interior mesmo da máquina, como um determinismo inerente a ela. Depois de ter determinado o campo da cibernética como um sistema em que se alternam desvelamento e velamento, abertura e fechamento, Lacan pôde integrar a linguagem como um sistema de portas em que um “circuito” retroativo tem, a cada vez, lugar. Em um circuito de três portas é possível determinar o movimento da terceira porta por sua reação face às demais. A terceira porta pode se abrir ou se fechar no momento em que as duas primeiras se abrem e se fecham, simultânea ou alternativamente. Marca-se, com isso, a autonomia da função simbólica e é neste sentido que, para nosso autor, o campo de psicanálise situa-se na fala, na qual o inconsciente se manifesta através de atos falhos, esquecimentos, chistes e relatos de sonhos; fenômenos que a psicanálise intitula de “formações do inconsciente”.

O registro do simbólico e o movimento transcendental de constituição do sujeito do inconsciente

Note-se que em francês existem dois pronomes pessoais da primeira pessoa (*moi* e *je*), distinção a partir da qual Lacan propõe a existência de dois sujeitos, ambos fundamentados na linguagem: o sujeito do inconsciente, que ele situa no *Je*, e o sujeito enquanto função imaginária, que ele situa no *Moi*. O eu especular (*moi*) situa-se no registro do

imaginário, instância de desconhecimento, enquanto o sujeito do inconsciente tem, por excelência, seu lugar junto ao registro do simbólico.

No movimento transcendental de que se constitui o sujeito do inconsciente o projeto de reconhecimento de que nos fala Lacan e para o qual é lançado o sujeito em questão considera o ente como realização de transcendência no Outro, projeto que inclui o 'inconsciente' como 'discurso do Outro', tomado, desta feita, com 'o' maiúsculo:

Qual é, pois esse outro a quem sou mais ligado que a mim, visto que no seio mais consentido de minha identidade a mim mesmo, é ele quem me agita?/ Sua presença não pode ser compreendida senão a um segundo grau da alteridade, que desde então o situa a ele próprio em posição de mediação em relação a meu próprio desdobramento de mim mesmo como de um semelhante./Se eu digo que o inconsciente é o discurso do Outro com O maiúsculo, é para indicar o para além onde se prende o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. (LACAN, 1957, p. 255).

“O meu próprio desdobramento” transcende na “mediação” que é o Outro para poder vir a ser. Esse Outro “a quem sou mais ligado que a mim mesmo”, visto que é “em minha identidade” que “ele me agita” não é senão o muro da linguagem “onde se prende o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento”. O desejo de reconhecimento requer do sujeito que ele se situe “a um segundo grau da alteridade” na medida em que, para se constituir, precisa lançar significantes que, aleatoriamente, não seriam passíveis de compreensão, mas que, quando apreendidos pelo discurso do Outro, podem ser revertidos e repercutir em historização. O desejo que rege o sujeito do inconsciente tal como proposto por Lacan ainda compreende que o ser existe a partir da ‘falta a ser’:

É num registro de relações totalmente diferente (comparando com a ‘perspectiva clássica, teórica, quando há entre sujeito e objeto cooptação, co-nascimento’) que o campo da experiência freudiana se estabelece. O desejo é uma relação de ser com falta. Esta falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser pela qual o ser existe. Essa falta acha-se para além de tudo aquilo que possa apresentá-la. Ela nunca é apresentada senão como um reflexo num véu. (LACAN, 1954-55, p. 280-281).

Enfatiza-se o fato de que não se trata, em psicanálise, de “conascimento” de sujeito e objeto. Também não se trataria, na técnica psicanalítica, de se ater ao sujeito, ao objeto, ou mesmo à cisão ou à reunião desses dois. Está em jogo, antes, a recriação do “véu” no qual a falta a ser “é apresentada como um reflexo”. Nisso, uma relação outra com o ser; para Lacan, uma relação “pela qual o ser existe”. Assim como a castração é apontada como regendo o advento do desejo do Outro, é dada à ‘falta a ser’ reger o advento do ser, que, sob essa ótica, também surge a partir do véu que não é senão linguagem. Na superfície que é a

linguagem, assumirá o papel de ‘tesouro’ aquele significante capaz de evocar a fala. Esse significante, enquanto objeto circunscrito junto ao Outro, dará a ver, além disso, a ‘phantasia’:

A phantasia [...] contém a função imaginária da castração [...]. Incluído no objeto *a*, é o agalma, o tesouro inestimável que Alcebiades proclama estar contido na caixa acústica que lhe forma a figura de Sócrates. [...] Assim como é a mulher por trás de seu véu: é a ausência do pênis que a faz falo, objeto do desejo. (LACAN, 1960, p. 308-309).

É a mãe quem primeiramente contém a função imaginária da castração. Trata-se de uma suposição de caráter mítico – a um só tempo frente ao que é responsável por causar a falta a ser e responsável por determinar a estrutura a partir da qual têm lugar as diferenças sexuais. Mais importante do que a questão das diferenças sexuais e da estruturação mítica da ‘falta-a-ser’ para a qual a ausência do pênis na mãe é pré-condição, estará em causa, na castração, como falta no Outro a partir da qual irrompe a falta a ser, a questão do véu.

O véu é aquilo por meio de que ‘a mulher se faz falo’, passando a se configurar como “objeto do desejo”. É ao conter a função imaginária da castração que a mulher se faz falo. Não deixa de ser curiosa a afirmativa de que na “phantasia” o objeto *a* contém, justamente, a “função imaginária da castração”. De outro modo, ao que parece, é ao conter a possibilidade imaginária da castração, isto é, de morte, que um objeto se torna fático, quando então surge como ‘agalma’. Personificar o agalma é, por sua vez, ser capaz de incorporar o semblante, fazendo-se valer junto ao Outro.

Segundo Lacan, Sócrates surge como um agalma para Alcebiades no célebre diálogo ‘*O banquete*’ (Platão), e isso por dois motivos: em Sócrates, a figura de Alcebiades é refletida, mas, ao contrário de Narciso que se apaixona pela própria imagem, Alcebiades se apaixona pela “caixa acústica que lhe forma a figura de Sócrates”, isto é, Alcebiades se apaixona pelas figuras de linguagem, os ‘torpedos socráticos’ (LACAN, 1992, p. 39) que Sócrates lança e nos quais Alcebiades vê o seu próprio ser, como possibilidade de vir-a-ser, refletido. Nesse momento, Sócrates conteria a função imaginária da castração por circunscrever, tal como a figura mítica da mãe, o âmbito da ‘falta-a-ser’. O segundo motivo que faz Sócrates surgir como um agalma é Agathon: Lacan pondera que o desejo só pode instalar-se mediante a interseção de um terceiro. O terceiro serve como uma espécie de tela, de segundo plano, em que o agalma é refletido, e o desejo, circunscrito. Como lugar de incidência do reflexo, como parte privilegiada do véu, ao terceiro cabe espelhar a falta-a-ser, o desejo do Outro; desejo esse que, apesar da beleza de Agathon, Alcebiades concebe como incitado apenas por Sócrates.

É possível depreender ainda que o agalma, o “tesouro inestimável”, o significante fálico, evoque antes de tudo um lugar no Outro: “O fato de o falo ser um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito lhe tenha acesso. Mas esse significante aí estando apenas velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer” (LACAN, 1957, p. 270).

Assim como os demais significantes, o significante fálico está inscrito em um sistema no qual é em virtude da diferença posicional frente aos demais que pode ser aferido o seu valor. Nisto se evidencia o caráter transcendental deste significante: para que o ‘sujeito lhe tenha acesso’, é preciso que este ser desvele um significante velado, reconhecendo ao mesmo tempo o valor de sua significância no sistema que os constitui.

Outra questão que concerne ao significante fálico situa-se na possibilidade de o sujeito se representar enquanto tal. Para que o sujeito se represente como um significante fálico, é preciso que esse ser transcenda a si mesmo rumo ao desejo do Outro, reconhecendo-lhe, afinal, certa supremacia frente ao ‘a’. Trata-se de uma única via:

A única via em que o desejo poderia nos livrar disto em que nós teríamos que reconhecer, para nós, como objeto *a* enquanto finalidade, finalidade sem dúvida jamais alcançada, é (compreendendo) que a nossa existência mais radical não se abre senão ao situar *a* enquanto tal dentro do campo do Outro. E não somente ele é aí situado, mas ele é *a* aí situado por cada um e por todos (LACAN, 1962-63, p. 389-390).

Como situar ‘a’? Onde esse ser, capaz de liberar-nos para “nossa existência mais radical” pode ser encontrado? Eis a questão que se coloca a cada vez que se inicia uma análise. Seja enquanto ‘objeto que eu sou’, seja enquanto objeto fálico que causa em mim o meu desejo, a possibilidade de situar ‘a’ se encontra submetida às configurações legadas no véu do inconsciente. É preciso ponderar que situar ‘a’ em um âmbito que ele possa, ao mesmo tempo, ser situado por “cada um e por todos” não é tarefa fácil, muito menos restrita ao campo da psicanálise. Uma das singularidades da psicanálise é conduzir ao advento de um ser que não permaneça restrito a conformações de *phantasia*, em que a castração é momentaneamente suspensa. A castração é tida como uma experiência a ser assumida. Situar ‘a’ no campo psicanalítico é ainda situá-lo por meio de uma palavra verdadeira (LACAN, 1960, p. 288).

À proporção que a palavra verdadeira for sendo assumida e constituída, abre-se um espaço no discurso para que um autêntico encontro com o Simbólico se realize. Nesse encontro, que se evidencia a partir do que causa claudicação, isto é, alternância de abertura e

fechamento, o ‘*Dasein* da sexualidade’ tem lugar como falta a ser: ele será na linha do discurso em que a castração incide.

Conclusão

Tanto na analítica existencial quanto na psicanálise lacaniana a manifestação do ser, que permanece velada, se dará como uma experiência de desvelamento. Inaugurada a partir de uma variação no ritmo de abertura e fechamento do inconsciente, na ‘dilaceração originária’, essa experiência se torna explícita. Em uma análise, as experiências nas quais esse ritmo se alterna e o próprio ser, o ‘ser-aí’ podem ser auscultados. A análise, sob essa ótica, funciona como uma base a partir da qual as experiências de dilaceração, ou simplesmente de manifestação do ser, podem servir à condução do tratamento, e, *a posteriori*, ao advento da fala verdadeira.

Além disso, o muro da linguagem, tal como referido na dinâmica que rege a máquina cibernética, torna possível apreender o inconsciente enquanto este parte da alternância de abertura e fechamento junto à qual é traçado o véu do inconsciente. Lacan se pauta na concepção de circuito cibernético para dar consistência a essa noção de véu do inconsciente: o circuito que tem lugar na cibernética é formado por pequenos círculos ou anéis que, interpondo-se, dão origem ao véu em questão. Esse véu é realizado por meio de ‘ordenações significantes’. Essas ordenações são constituídas por mensagens que, ao retornarem do Outro, perfazem determinados circuitos: ao se abrir, o circuito permite um momento de ausência, mas ele, propriamente, só se constitui no momento em que à abertura sucede um fechamento. Além disso, na medida em que o circuito se abre, tende imediatamente a se fechar.

Referências

- CASSIRER, E. (1923). *Filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins, 2004.
- FREUD, S. (1889). Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos: 1886-1889; Projeto de Psicologia Científica (1895) e Cartas a Fliess. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.
- HEIDEGGER, M. (1927). *Ser e tempo*. Parte I e II. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *Lógos*. Paris: *La Psycanalyse*, n.1, 1956.
- _____. *Logos*. 1. ed. *Festschrift für Hans Jantzen*, Berlin, Geb. Mann, 1951; 2. ed. *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, Gunther Neske, 1954.
- LACAN, J. (1954-55) *O Seminário, Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- _____. (1955-56). *O Seminário, Livro III: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. (1963-64). *O Seminário, Livro II: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. (1953). Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 101-187.
- _____. (1957). A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In: *Escritos*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 223- 273.
- _____. (1960). Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In: *Escritos*. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 275- 311.
- _____. (1962-1963). *Le Séminaire, Livre X: L'Angoisse*. Paris: Seuil, 2004.
- PLATÃO. *Diálogos: O Banquete. Apologia de Sócrates*. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2001.

DISCOVERY OF FAITH, CASTRATION AND DEATH ON THE CYBER MACHINE

ABSTRACT:

Lacan makes reference to an important dynamic in philosophical conceptions when he proposes the thesis of unconscious as structured as language: the concept of dialectics. The dialectic proposed by the psychoanalyst distinguishes from dialectic conceived in the framework of philosophy. The Lacanian dialectic takes place while a play of signifiers which alternates and intertwines with the possibility to combine both the plans the Symbolic, the Imaginary and the Real. One of the ways in which the analyst conceives the realization of the dialectic is as by exposing the mechanism of the cybernetic machine. Following the logic exposed through this metaphor, death, when disregarded, returns in the form of a symptom. We must give rise to speak so the symptom can be transformed into word and in a way that death can be inserted and passes to be realized as a destination.

KEYWORDS: Cybernetic machine. Wall of language. Destination.

LA DECOUVERTE DE CIBLES, LA CASTRATION ET LA MORT À LA MACHINE CYBERNÉTIQUE

RÉSUMÉ:

Lacan fait référence à dynamique propre de la philosophie avec la proposition de la théorie de l'inconscient structuré comme langage: le concept de la dialectique. La dialectique proposé par psychanalyste, cependant, diffère de la dialectique conçu selon la philosophie. La dialectique lacanienne a lieu alors que le jeu des signifiants qui alternent et se mêlent avec la possibilité de combiner bien les plans Symbolique, que de l'Imaginaire et du Réel. L'un des moyens par lesquels l'analyste expose la réalisation de la dialectique est par l'exposition du mécanisme en jeu dans la machine cybernétique. Suivant la logique exposée par cette métaphore, quand la mort est dédaigné, elle revient, maintenant sous la forme de symptômes. Il faut donner la parole au sujet pour que le symptôme peut être transformé en mot, de sorte que la mort est susceptible d'être insérée dans le devenir du sujet et passe à tenir comme destination.

MOTS-CLÉS: Machine cybernétique. Mur du langage. Destination.

Recebido em: 27-08-2012

Aprovado em: 15-09-2012

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista